

Uma fórmula para o fim da moratória

○ Brasil depositaria US\$ 1,5 bilhão e receberia US\$ 3 bilhões para pagamento aos bancos

MOISÉS RABINOVICI
Enviado especial

NOVA YORK — Uma fórmula para o fim da moratória está surgindo nas negociações entre o Brasil e seus credores, com o apoio dos Estados Unidos: o governo brasileiro depositaria o equivalente a um terço dos US\$ 4,5 bilhões numa instituição neutra, como o Banco de Compensação Internacional de Basileia, na Suíça, e receberia o restante, para saldar a dívida, dos próprios bancos, em dinheiro novo, ou apenas como uma operação contábil.

Por esta fórmula, ainda, os credores teriam que garantir o reescalonamento da dívida até 1989, e não só até o ano que vem como já estariam inclinados a aceitar, e preservariam as linhas de crédito de curto prazo, comerciais e interbancárias, num valor de US\$ 15 bilhões.

O enviado especial do ministro Bresser Pereira aos Estados Unidos, Fernão Bracher, confirmou, na tarde de ontem, que tem feito a ponte-aérea Nova York/Washington, nos últimos dias, atrás de um acordo do governo americano para um dos princípios da fórmula para o acordo que aos poucos vai sendo revelada, como num quebra-cabeças: o depósito do pagamento simbólico brasileiro num banco neutro. Só não chapou a operação de uma caução, como anteciparam O Estado e o JT, anteontem, mas, sim, de "custódia", explicando que existem outros nomes,

"várias maneiras de expressar, várias figuras jurídicas".

— É possível que o Brasil deposite o dinheiro do pagamento aos banqueiros como garantia em alguma instituição? — perguntou-lhe um repórter.

"Você vê que a coisa pode ser mais complicada do que a gente pensa. E talvez a gente possa encontrar saídas e maneiras de procedimento que permitam atender a um problema que é efetivamente complicado. De um lado nós temos as normas americanas que devem ser atendidas, de outro nós temos as possibilidades brasileiras e os interesses brasileiros a serem defendidos com igual vigor, se não maior, para a manutenção de uma posição de equilíbrio na mesa de negociações, de modo que são justamente os pedaços deste quebra-cabeça que fazem a gente demorar um pouco mais de tempo do que gostaria", respondeu Bracher.

— De que quantia seria a caução?

"Esta é uma boa pergunta. É justamente o que cada um se pergunta, e cada um quer uma quantia. Uns querem tudo, outros querem nada, outros querem o que podem..."

O que é tudo, e o que é nada? — cortou um repórter.

"Tudo eu posso dizer. Tudo é se a gente pagar tudo, US\$ 4,5 bilhões. Se for nada, é nada."

Fernão Bracher volta hoje à ponte-aérea Nova York/Washington. Vai de novo ao Federal Reserve, o banco



2-7-87

Bracher: a revelação da fórmula, como num quebra-cabeça

central americano que o tem recebido apesar de inteiramente envolvido na operação-resgate à Bolsa de Valores, e ao Departamento do Tesouro, podendo ainda esticar até o Banco Mundial, tendo tempo, pois pretende voltar ainda no final da manhã para novos encontros com o comitê dos bancos credores.

O Federal Reserve e o Departamento do Tesouro já deram seu apoio à fórmula que está aos poucos sendo montada, como se soube anteontem. E David Mulford, um assistente do secretário James Baker, teria, inclusive, feito uma misteriosa viagem

como parte do esforço para se alcançar um acordo. Para onde? Quando O Estado e o JT perguntaram a Bracher, ele ironizou: "Não sei... Foi para fora de Washington..."

Alguns banqueiros credores do Brasil foram vistos, ontem, visitando o Federal Reserve, onde Fernão Bracher passou o dia anteontem. Teriam ido ouvir o presidente Greenspan lhes pedir que aceitem a fórmula que pode acabar com a moratória brasileira, segundo informações extraoficiais que não puderam ser confirmadas.